



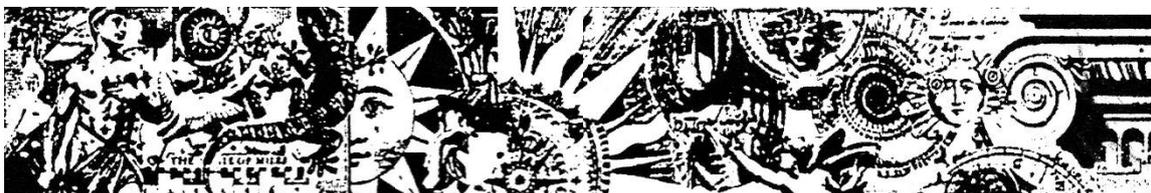
PEREGRINAÇÃO: O PÉ E O ESPAÇO PARA DAR O PASSO

■ JOSÉ ARILSON XAVIER DE SOUZA ¹

¹ Professor Adjunto do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA. Adjunct Professor of the Geography Course and the Graduate Program in Geography of the State University of Maranhão (UEMA), São Luís-MA. E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br

Recebido em: 22/11/2018

Aprovado em: 17/08/2019



Resumo: A peregrinação é uma prática humana que funda uma experiência espacial luminosa. Discorrer geograficamente sobre o belo de tal experiência prática é o que tenciona este ensaio científico. Assim, a peregrinação é percebida como um ato geográfico que pode ser interpretado por meio da tentativa de se aproximar da essência dos passos dados pelos corpos peregrinos, o que equivale refletir a respeito das qualidades simbólicas dos espaços tocados pelos pés de homens e mulheres peregrinas. Fundamentado nas práticas de peregrinos da Romaria de Nosso Senhor do Bonfim (Natividade-TO), chego à ideia de que o peregrino desenvolve uma espécie de poesia corporal pelo espaço, acreditando que as suas experiências podem ser, com algum esforço, apresentadas a partir de textos com tal tom de vida – poético –, como tento proceder.

Palavras-chave: Peregrinação; Espaço; Geografia.

PILGRIMAGE: THE FOOT AND THE SPACE TO GET THE STEP

Abstract: Pilgrimage is a human practice that founds a luminous space experience. To discuss geographically about the beauty of such practical experience is what this scientific essay intends to do. Thus the pilgrimage is perceived as a geographical act that can be interpreted through the attempt to approach the essence of the steps taken by the pilgrim bodies, which is equivalent to reflect on the symbolic qualities of the spaces touched by the feet of pilgrim men and women. Based on the pilgrimage practices of Our Lord of Bonfim's Pilgrimage (Nativity-TO), I come to the idea that the pilgrim develops

a kind of corporal poetry for space, believing that his experiences can be, with some effort, presented from texts with such a tone of life - poetic - as I try to proceed.

Keywords: Pilgrimage; Space; Geography.

PEREGRINACIÓN: EL PIE Y EL ESPACIO PARA DAR EL PASO

Resumen: La peregrinación es una práctica humana que funda una experiencia espacial luminosa. Discutir geográficamente sobre lo bello de tal experiencia práctica es lo que pretende este ensayo científico. Así, la peregrinación es percibida como un acto geográfico que puede ser interpretado por el intento de acercarse a la esencia de los pasos dados por los cuerpos peregrinos, lo que equivale a reflexionar sobre las cualidades simbólicas de los espacios tocados por los pies de hombres y mujeres peregrinas. Fundado en las prácticas de peregrinos de la Romería de Nuestro Señor de Bonfim (Natividad-TO), llego a la idea de que el peregrino desarrolla una especie de poesía corporal por el espacio, creyendo que sus experiencias pueden ser, con algún esfuerzo, presentadas a partir de textos con tal tono de vida - poético -, cómo intento proceder.

Palabras clave: Peregrinación; Spacio; Geografía.

Introdução

Para início e inspiração, a fim de abrir os caminhos da escrita e da imaginação, da obra “Lira dos cinqüent’anos” (1944), destaco um poema de Manuel Bandeira com título e conteúdo sugestivos:

Peregrinação

O córrego é o mesmo,
 Mesma, aquela árvore,
 A casa, o jardim.
 Meus passos a esmo
 (Os passos e o espírito)
 Vão pelo passado,
 Ai tão devastado,
 Recolhendo triste
 Tudo quanto existe
 Ainda ali de mim
 – Mim daqueles tempos!

E de outros espaços seria o verso que eu usaria se tivesse que continuar com o poema em tela; espaços percorridos com os pés, com o olhar e a cabeça de geógrafo, profissional que, de passo em passo, peregrina pelo mundo e contribui para a sua compreensão. Com a licença dos trocadilhos utilizados, afirmo que certamente a formação e o olhar de geógrafo não me permitiriam não enxergar na “Peregrinação” componentes espaciais, físicas e imaginativas como, por exemplo, o próprio tempo.

Defendo, pois, o seguinte: o pé que dá o passo o faz num determinado espaço e assim compõe um corpo e uma mente que viaja por outros tempos e outros espaços, do passado e do futuro, experienciados e acessados conforme as inquietações pessoais situacionais. Em outras palavras e em acréscimo: o espaço se presta a um tipo de movimentação interna entre os tempos que constituem a vida humana. Tempos que são, sem dúvida, reconstruções de territórios, lugares e paisagens vividas. A peregrinação, a meu ver, traduz muito bem essa questão.

Neste sentido, aqui, apresento as experiências de peregrinação explanadas nos escritos autorais que seguem: *O pequeno (príncipe) peregrino; Entre gerações, protestante peregrinava; Antes peregrinar acompanhado do que a sós*. Baseio-me em depoimentos de peregrinos da Romaria de Nosso Senhor do Bonfim, festa católica tocantinense, campo de minha pesquisa de doutoramento em Geografia pela UERJ até o ano de 2017, sob orientação da professora Zeny Rosendahl. E foi com este sensível ser humano, geógrafa, fortemente afeita aos estudos da religião, que pude aprender mais sobre:

Espaços nos quais corpos seguem em peregrinação religiosa

A ideia de fazer geografia e religião tem como sinônimo ver e sentir o sagrado em sua dimensão espacial.

Zeny Rosendahl.

A religião desafia os cientistas preocupados com as suas dinâmicas sociais e espaciais. As peregrinações, em muito dotadas de uma pluralidade de motivações de cunho religioso, interessam para geografia, sobretudo, como práticas culturais significadas espacialmente. Reconhece-se no âmbito da geografia da religião uma espécie de geografia das peregrinações (BHARDWAJ, 1997), fenômeno que é essencialmente cultural, de raiz social, implicando em uma experiência física e simbólica entre tempos e espaços (SOUZA, 2018).

Corpos em peregrinação, por sua vez, é uma expressão que traduz uma preocupação fundamental na pesquisa em geografia da religião: a dimensão sagrada das peregrinações, aportando na ideia de homens e mulheres que praticam as suas peregrinações impulsionados por questões espirituais e/ou religiosas, e que parecem *fazer mágica* para alcançar ganhos, imaginados e acordados com as santidades, para este ou para *outros mundos* (TUAN, 1979; CLAVAL, 1996; ROSENDAHL, 2014). Neste cenário, o ato da promessa feita deve ter atenção especial. De tais realidades é possível analisar, ainda, os efeitos dos preceitos e das atividades organizadas e propagadas pela religião oficial, bem como interpretar os discursos e as práticas dos homens que melhor se associam enquanto integrantes populares da religião.

Ademais, digo da necessidade de falarmos em espaços de peregrinação na intenção de salientar que estes são compostos por múltiplos arranjos espaciais, valorados nas vivências e pela *polivocalidade* inerente aos modos como peregrinos experienciam o espaço. Considerando que a busca em peregrinação começa em casa e que, depois da viagem, o peregrino retorna para o seu lugar, quando escrevo espaços, no plural, faço valer essas escalas espaciais. Como pode ser interpretado a partir da epígrafe lançada acima, temos o desafio de *ver e sentir o sagrado* em sua dimensão espacial, e por várias escalas geográficas. Sobre esta indicação metodológica, Rosendahl (1994, p. 85) ainda expõe: “é necessário sentir e ver as forças que projetam o ser humano ao mundo espiritual”.

O olhar geográfico se inscreve como portador de uma série de questões-problema no tocante às abordagens sobre os espaços de peregrinação. É presumível estruturar questões de diversas naturezas, a depender de cada realidade cultural ensejada, religião examinada e temas privilegiados, mas aqui me permito a cobrir essa intenção universal com o seguinte ponto de reflexão: quais os significados dos espaços de peregrinação na vida dos homens religiosos?

Parto da premissa de que o homem se faz peregrino impulsionado por dramas sociais relacionados ao seu cotidiano, se colocando pelos caminhos que o levam a um centro religioso imaginando que a sacralidade desses espaços pode lhes trazer benefícios, como já sinalizado. Esse fato reforça o entendimento de que as peregrinações são formas culturais e espaciais codificadas da vida dos peregrinos. As histórias de vida desses homens nos darão os sinais para a interpretação de tais arranjos espaço-culturais.

Assim entendido, outra indagação se faz necessária e basilar: como acessar as expressões relacionadas ao íntimo dos peregrinos no sentido de interpretar as suas práticas e experiências espaciais pautadas na relação com ou em busca do sagrado?

Dada à complexidade da indagação, sem a pretensão de assinalar resposta absoluta, apresento direções metodológicas que tenho adotado diante deste desafio. Antes, justifico que, no âmbito da cultura, o estudo sobre as peregrinações é importante para fornecer inteligibilidade para o mundo e para as sociedades que as praticam (GEERTZ, 2001), tese também defendida por Turner e Turner (1978) quando investigaram peregrinações na Europa e no México na década de 1970. Creio a investigação geográfica acerca das peregrinações permite certo aprofundamento na compreensão das dinâmicas espaciais das sociedades, devendo ser expressa como conhecimento social, acessível ao público em geral (CASSIRER, 2012). Logo, interpretar como os peregrinos sentem o espaço e o que sentem ao peregrinar se torna valioso.

Valioso para geógrafo é estar no campo, e foi assim que na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim eu pude testemunhar que por lá peregrina gente de todos os tamanhos, como:

O pequeno (príncipe) peregrino

À caminho pelas bandas do Tocantins
Um de trigêmeos, voto, saúde e graça
“Gosto que levem a sério as minhas desgraças”

As coisas da fé não aceitam explicações que cansam mais do que caminhar
Geografia na qual se põe o pé na frente do outro
“Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer”

“As sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra”
Da Terra entende o geógrafo...
“O geógrafo é muito importante para estar passeando”

Pôr-do-sol que afugenta a dor
Vento e calor que deixam as maçãs do rosto encarnadas
Segue peregrinozinho: “homens não têm raízes”

Palavras e atos
A metáfora da **Peregrinação** tem valor
“É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”

Palavra Mãe, Ato pai e avô
“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante”
Do pequeno príncipe, o amor (não) tem forma

É preciso ir **“caminhando passo a passo, na direção de uma fonte”**
Disse o príncipezinho: “O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço nalgum lugar”

Inquieto pedacinho de gente
Depois de peregrinar é preciso retornar ao nosso planeta

Na saudade, “olharei para a estrela mais brilhante dos caminhos do céu”

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”.

A imagem de uma pequena criança caminhando em peregrinação foi uma das cenas que mais me impressionaram na Romaria do Bonfim. Na companhia do pai e do avô, cumprindo um voto da mãe, o *pequeno peregrino* (Figura 1) havia se livrado de uma complicação relacionada ao seu nascimento. Um de trigêmeos, ele, sem saber, me fez lembrar a narrativa poética contida no “O Pequeno Príncipe” – obra literária do escritor, ilustrador e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry, publicada inicialmente em 1943.

Figura 1 - O pequeno peregrino.



Fonte: SOUZA, ago., (2015).

No final daquela tarde, de volta ao acampamento no qual eu estava instalado, apostei na ideia de que o conteúdo do livro supracitado poderia contribuir para a tarefa de interpretar a prática daquele peregrino. Por ora, creio que a minha experiência pessoal e imaginação, de leitor e pesquisador, se fez valer no trato com a cena descrita. Permitia-me, portanto, o exercício de tentar associar pontos entre a experiência do pequeno peregrino e a experiência do pequeno príncipe. A saber, cumpre salientar que no escrito que lanço acima – *O pequeno (príncipe) peregrino* – as frases que aparecem entre aspas foram retiradas da obra de Antoine de Saint-Exupéry.

A mãe do pequeno peregrino havia apalavrado com o Senhor do Bonfim aquele obedecido ato de peregrinação. A santidade havia considerado a desgraça da família, transformando-a em graça, assim a matriarca me dizia. O caminhar, então, descortinava um espaço simbolizado por mistérios impressionantes. A cura do filho era creditada à fé, como semente invisível que dá fruto e dorme no segredo da terra, de uma Terra Santa, dos caminhos e do povoado do Bonfim. Eric Dardel (2011) já nos ensinara que da Terra vêm as forças que protegem o homem e determinam a sua existência social e comportamento e, traduzindo-o com vistas à experiência espacial, percebe-se que o peregrino tem a virtude de enxergar a Terra como morada a partir da qual a sua consciência se desenvolve em termos de pensamento, sensibilidade e crença no poder do sagrado. E da Terra entende o geógrafo, diria Dardel.

Ao contrário do personagem geógrafo de o “O Pequeno Príncipe”, que se dizia sábio e pouco sabia do seu próprio planeta, ressalta-se que o geógrafo é muito importante *passando*, estabelecendo contatos, se fazendo partícipe do acontecimento cultural que estuda. O geógrafo pode, inclusive, fazer-se um peregrino, por exemplo, caso estude peregrinação. Ele aprenderá muito sobre peregrinação quando largar o conforto de sua escrivaninha e for viver o pôr-do-sol, sentir o vento e o calor que marca as faces. Observando-me justamente nesse movimento de, em latência, transmutar-me em peregrino, embora mantendo a identidade de geógrafo e pesquisador, encontrei o pequeno peregrino, que apesar do seu bonezinho, não escapou de ficar com as maçãs do rosto avermelhadas. Assim seguia caminhando, e em outros momentos ganhava os braços do avô ou do pai. *Homens não têm raízes*, peregrinos muito menos, e geógrafos não devem ter.

Ir em romaria a um lugar santo, em devoção, é uma prática que pode acrescentar valores à vida do homem religioso. Para os pais e o avô do pequeno peregrino, o sacrifício de fazê-lo caminhar era necessário. Diante das aflições do passado, vivia-se no caminho o *conhecimento das borboletas; o peregrinozinho*, para encontrar com os dois irmãos, que não tiveram complicações de saúde, *brilhava* caminhando para o Bonfim – a *Terra Prometida*, lá onde tem um santuário, uma espécie de “fonte no deserto”, ou melhor, no cerrado, no sertão. De tal modo, entendo o espaço-tempo da peregrinação como sendo de espaço-tempo de dedicação, de importância vital; um espaço-tempo para ir e retornar; um espaço-tempo no qual de maneira principesca uma criança pode caminhar em nome de sua própria saúde, mesmo não sabendo do motivo.

Ao geógrafo é recomendável *ver com* o coração, e quando estudar as peregrinações apoiado nas suas dimensões sagradas é estimável que as entenda para além dos aspectos

materiais, pois *o essencial é invisível aos olhos*. Assim, nas peregrinações ao Bonfim, vi sentido no fato de que:

Entre gerações, protestante peregrinava

Uma visão e quatro gerações
No caminho, protestante protesta em peregrinação
Protestar, prestar culto
Protestadora antes católica

A fé gera

O pé ação

Se a fé remove montanhas?
Com o pé, as deixam para trás

Quem peregrina protesta, presta, e se presta

À caminho, entre gerações
Envivecer o passado

Mães, filhas, busca pelas terras do Bonfim
Genealogia, sentido situado
Prática renascida

Peregrinação teimosa de fiel

Causa imediata pelos campos

Desagradar aquele com quem se casou vale mais
Do céu, a geração não visível deve olhar contente

Dádiva e missão.

Essa, provavelmente, seria só mais uma história de vida de peregrino que teria passado por mim durante o trabalho empírico caso a garota vestida com a camisa da seleção brasileira de futebol não tivesse me chamado atenção (Figura 2). Naquele agosto, 2014, havia aproximadamente um mês que tínhamos saído de uma copa do mundo de futebol no Brasil, na qual a seleção brasileira apresentou um rendimento abaixo das expectativas criadas no país, e eu, talvez pelo gosto por futebol, imaginei que ali pudesse estar ocorrendo alguma promessa relacionada a este fato. Ledo engano! O uso de tal vestimenta se dava de modo casual, e dali surgiria um depoimento que me daria conteúdo para escrever *Entre gerações, protestante peregrinava*.

Figura 2 - Peregrinação entre gerações, *uma protestante*.



Fonte: SOUZA, ago., (2014).

Representativa, a figura 2 traz a imagem de três pessoas com faixas etárias distintas. Da garota para trás, tomando-a como referência, observemos no meio a mãe, e na outra ponta a sua avó. Deparamo-nos, portanto, com três gerações de peregrinas. Contudo, o contexto daquela peregrinação ia além quanto ao número de gerações envolvidas. Uma quarta geração era apontada como a maior responsável por aquela prática de peregrinação. O sentido daquela caminhada atrelava-se a um pedido que a bisavó da garota teria feito antes de falecer. Havia sido pedido que a prática de peregrinação de ir a pé ao Bonfim nunca fosse abandonada pela família. E, desse modo, a petição era atendida pela filha, neta e bisneta.

Mais uma componente de tal caminhada de peregrinação me despertaria surpresa: a família era adepta do protestantismo. O avô da garota teria tido problema com alcoolismo e as circunstâncias conduziram a família a esta nova opção religiosa. Geralmente, os protestantes não veem sentido no mistério, no milagre e na magia dos sacrifícios envolvidos nas peregrinações a pé, e, assim sendo, não as praticam. De todo modo, em função do desejo daquela que chamamos de quarta geração, a peregrinação até o Bonfim era mantida a cada ano. Contudo, sustentar a prática custava para a avó da garota desentendimentos com o seu marido, que não só se negava a fazer a peregrinação, realizada por ele em outros tempos, como também não entendia como que um *crente* o fazia.

Apesar do enalço do marido, a avó da garota se prestava àquela prática, tomando-a em alta conta, pois a interpretava como “dáviva e missão”. A sua mãe tinha lhe feito o pedido em vida, e continuar fazendo a peregrinação até o Bonfim funcionava como uma prestação de culto a ela.

Pelo o que é possível asseverar, a peregrinação surge como protesto, decisão e dever meritariamente herdado, símbolo amplificado de escolhas e obrigações em meio à ordem social, conforme insinuava Turner (2008). Assim sendo: quem protesta promete, demonstra sentimento, e, no caso, caminhar em peregrinação “entre gerações” significava protestar, independentemente de religião. A fé no contentamento da geração invisível impulsionava a peregrinação; é como se as barreiras que lhes distanciavam fossem ultrapassadas, com os pés. Filhas e mães caminhavam em devoção, em testemunho e em memória.

Memória, aliás, parece ser algo que não falta aos peregrinos. E, para mim, em especial aos peregrinos do Senhor do Bonfim. Um deles, recordando as experiências de momentos já vívidos, certa vez me disse:

Antes peregrinar acompanhado do que a sós

Já vim só
Hoje, melhor assim
Di a pé, não hesitar
Em passos, exitar

Nunca se está sozinho
Para si, a natureza, sagrado visto e imaginado
Irmãos ao lado

Oferecer-se
Água e calçado, chapéu, calça e casaco
Fazer desistente fraco
Saber de peregrino geografizado

Pé para doer
Bonfim compadecer, se parecer
Espírito comover

Menos PecaDor
and-ar(livre)
Alivia/Dor
sacrific-ar(sagrado)
Mais SonharDor

Resistência
Com o corpo, reza extensa
Persistência
Com o pé, si pensa

Prosa, reza e preza
Promessa de cumpade não tem idade.

Nesse caso, o sofrimento do corpo por ventura da caminhada religiosa foi ressaltado com certa relevância. De fato, o pequeno grupo, formado por compadres e amigos (Figura 3), já havia percorrido uma distância considerável quando o abordei, revelando palavras e semblantes de exaustão. Entretanto, a peregrinação se torna emblemática por conta da estratégia desenvolvida para superar as dificuldades físicas surgidas no caminho: peregrinar acompanhado, naquelas condições, proporcionaria uma épica caminhada de comunhão.

Figura 3 - Peregrinação em grupo, *compadres e amigos*.



Fonte: SOUZA, ago., (2014).

O peregrino que aparece situado na extrema esquerda da figura 3 era o promesseiro do grupo na ocasião, um consagrado caminhante. Lembro bem dele porque era alguém que falava bastante, e quando o assunto era as suas experiências de peregrinação ao Bonfim ele não hesitava em testemunhar. Logo me disse que já tinha ido à Romaria de várias maneiras, e que das vezes em que foi a pé obteve acentuada satisfação, daí a sua predileção por este tipo de busca pelo espaço sagrado. Também afirmou que no seu atual estágio de vida preferia peregrinar acompanhado. Sim, ele já tinha peregrinado *sozinho*.

Como se estivesse, e compreendo que era isso mesmo, me dando lições a respeito do ato de peregrinar, disse: *o devoto nunca está sozinho ao caminhar*. De acordo com os seus saberes sobre os caminhos da Romaria, o peregrino – quem ele sempre chamava de devoto –, assim queira, pode ter no mínimo três companhias: o Senhor do Bonfim, a natureza e ele próprio. Partilhou também acerca da virtude de um bom grupo de peregrinos no que se refere à necessária consolação entre os irmãos para se derrotar os pensamentos de desistência. Nestes termos, o

sagrado estaria então subsumido ao esplendor do caminhar, envolvendo a fé, os aspectos ambientais e, entre outras coisas, a capacidade de sustentar o sacrifício proposto no voto.

Realizando uma peregrinação *comprida*, aqueles senhores peregrinos apresentavam um quadro clínico de dores musculares, o que se atestava por meio da retroação de um caminhar feito lentamente. As bolhas nos pés também denunciavam que a peregrinação comportava uma parcela inegável de sacrifício, e que tal condição tinha um sentido religioso, conforme apregoado pela tradição católica (EADE e SALLNOW, 1991). Os peregrinos se espelhavam na Via dolorosa de Cristo, e acreditavam que assim ampliariam a devoção ao Senhor do Bonfim, demonstrando-lhe fidelidade. Com isso, esperavam que Ele tivesse compaixão de suas almas, descontando alguns dos seus pecados, aliviando as dores não só do caminhar, mas também do viver. A exigência que se impunham para terminar a peregrinação caminhando tinha o peso de assim fazer com que imaginassem dias melhores.

Em interpretação final da prática descrita, diga-se de passagem, prática de resistência e persistência, compreendo que a peregrinação a pé pode ser lida como uma extensa reza feita com o corpo, a qual, por meio do sacrifício, tem poder de regenerar o devoto. E nesta reza, versada a caminho, cabe prezar pela companhia dos irmãos, feito peregrinação coletiva, como também prosar com eles e, assim, suportar as dificuldades do caminhar, ignorando o tempo estritamente cronológico. Experimenta-se, nesta perspectiva, uma geografia que somente os pés permitem saber.

Como sugestionado nesta comunicação, os corpos em peregrinação religiosa inspiram leituras poéticas sobre a dimensão espacial de tais existências humanas. Por sua vez, os textos de tom poéticos que propus, tentando escapar de objetivações, tentam valorizar, antes de tudo, gestos, movimentos e emoções que compõem a vida.

E a vida segue, e que sigamos fazendo geografia da religião iluminados feito o pequeno (príncipe) peregrino, protestadores à maneira da peregrina que caminhava entre gerações e incisivos como o peregrino que preferia caminhar acompanhado. Que a luz, a capacidade de protesto e a energia compartilhada nos façam avançar como que numa *peregrinação científica*.

Neste sentido, enquanto geógrafo, indivíduo que parece ser de outros espaços, porque vê e sente a terra de modo particular, crítico, no sentido profundo da *terra* e da crítica, vou ousar em transfigurar a “Peregrinação” de Manuel Bandeira, pedindo a sua licença e o seu perdão poético, chamando-a de:

Geografia

O córrego por fora,
Outro, aquele homem,
A terra, o quintal.
Meus passos pelo espaço
(Os pés e a cabeça)
Vão pelo interior,
Ai tão milagroso,
Acolhendo paisagens
Tudo quanto se vê
Andei além de mim
– Mim daqueles sentimentos!

Aqui eu não proporia mais nem um verso. Penso que já fui longe demais. Mas, para encerrar, preciso dizer que assim eu sinto: em geografia o passo a passo se faz tendo o espaço como enlaço, o corpo como enlace e a terra como lar do homem. Geógrafo tem pé, tem campo, tem fé que pode interpretar. A peregrinação é uma das diversas práticas humanas que pode provocar o exame do que é geografia. O peregrino é significativo agente espacial. O sagrado relaciona-se com ver e sentir o espaço por uma força extraordinária. Zeny é Rosendahl: um nome luminoso na geografia da religião.

Referências

BHARDWAJ, Surinder M. Geography and Pilgrimage: A Review. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). Sacred Places, Sacred Spaces – The Geography of Pilgrimage. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997, pp. 1-23.

CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CLAVAL, Paul. O tema da religião nos estudos geográficos. Espaço e cultura. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, RJ, nº 3, 1996.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

EADE, John; SALLNOW, Michael J. (eds.). *Contesting the Sacred: the Anthropology of christianpilgrimage*. London: Routledge, 1991.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia, USP., São Paulo, 1994.

_____. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 28, p. 09-25, Jan./Jun.; 2014.

SOUZA, José Arilson Xavier de. *Geografia e Peregrinação*. Caderno de Geografia, v. 28, n. 54, 2018.

TUAN, Yi-Fu. *Sacred space: Exploration of an Idea*. In: BUTZER, K. (org.). *Dimension of human geography*. Chicago: The University of Chicago/Departamentof Geography, 1979.

TURNER, Victor; TURNER, Edith. *Image and pilgrimage in Christian culture*. New York: Columbia University Press, 1978.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.